

“Meu pai costumava dizer aos seus alunos negros que eles deveriam se contentar com o segundo lugar”

Moacyr Gomes, médico negro

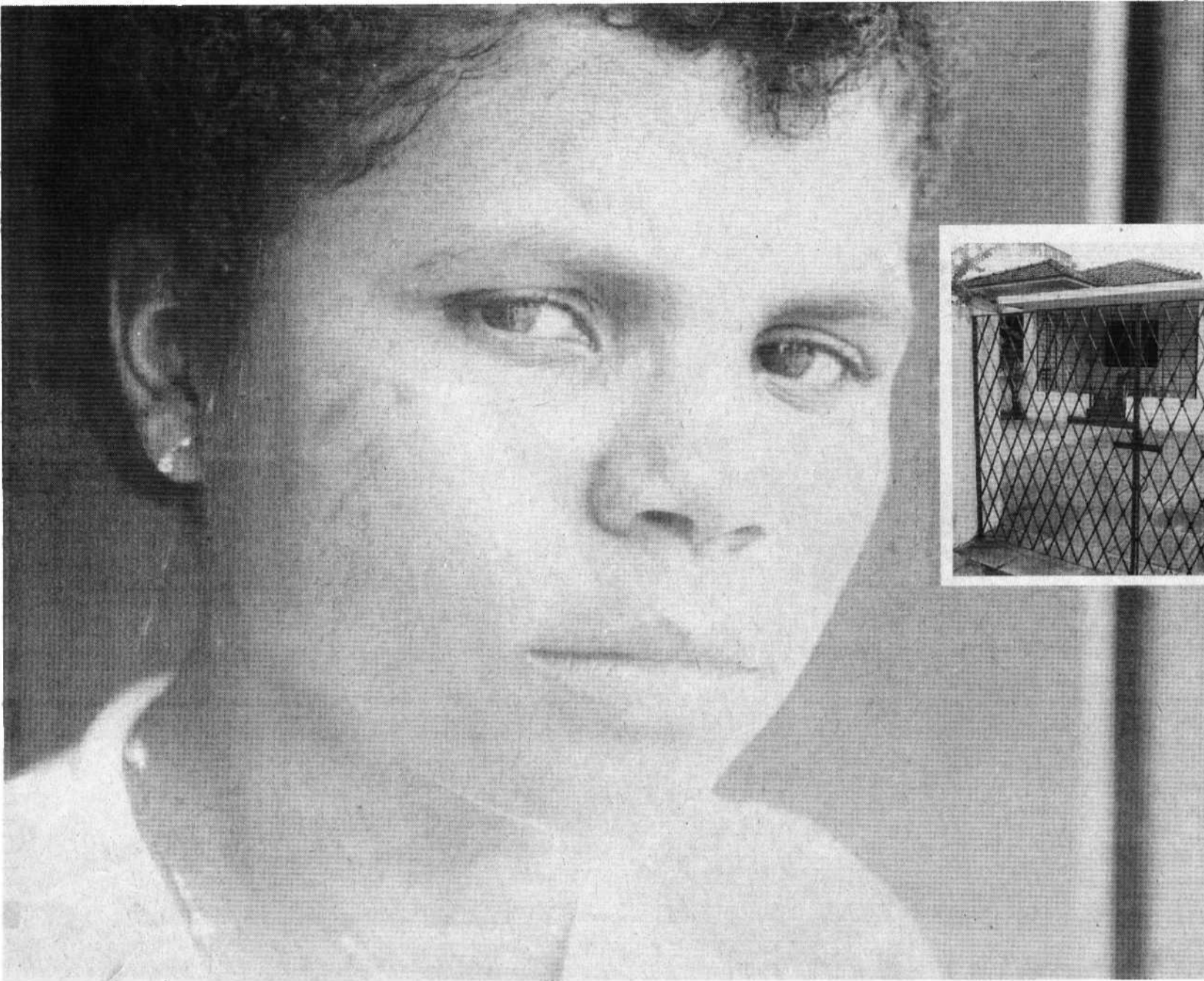
“Acho que vou me casar é com uma gringa, porque lá fora se dá mais valor ao negro”

Sebastião Borges da Silva Filho, capoeirista negro

Marlene foi escrava dois anos em Recife

Inquérito na delegacia do bairro de Espinheiro confirma maus-tratos físicos; a ex-patroa não dá sua versão

Fotos: Bel Pedrosa/Folha Imagem



Marlene tem o rosto e os braços cobertos de cicatrizes; no destaque, à casa em que permaneceu em prisão domiciliar



Do enviado especial a Recife

Marlene Maria Lino da Silva, 20, trabalhou por dois anos para uma patroa que não pagou uma única vez seu salário.

Espancou-a, queimou sua pele com óleo fervendo e não permitiu, por todo esse tempo, que ela saísse à rua ou telefonasse para alertar a família ou a polícia sobre sua detenção em cárcere privado.

É sua versão dos fatos. Seu jeito acabrunhado e simples leva a crer que ela fala a verdade.

A Folha tentou entre 16h de domingo, dia 11, e 18h de sexta-feira, dia 16, localizar a ex-patroa de Marlene, Lindáuria de Santana Araújo, 59. Ninguém atendeu o telefone, e um de seus vizinhos informou que ela o instruiu para não ser localizada.

Marlene conseguiu escapar no dia 16 do mês passado. O inquérito policial corre no distrito de Espinheiro, um bairro de classe média em Recife.

O delegado João Veiga afirma que Marlene, uma negra, foi vítima de escravidão.

Em seu primeiro depoimento à polícia, Lindáuria negou ter tolhido os movimentos da empregada.

“Ela começou a bater em mim quatro meses depois que eu trabalhava para ela. Me chamava de negra sem-vergonha e falava que todo negro nasceu para ser escravo.”

Mirrada, aparentando cinco anos a menos que sua idade real, ela é filha de um verdureiro, hoje fixado

na Paraíba. Nasceu no interior de Pernambuco, estudou até a quarta série e tem seis irmãs.

Afirma com simplicidade que se realizaria profissionalmente se trabalhasse numa lanchonete no Rio.

Lindáuria, diz ela, dava-lhe de comer feijão e uma salsicha por dia. Nenhuma verdura e frutos só quando já estavam estragados.

A rotina dos dois anos de cativo foi, em sua versão, monótona: permanecia num quarto de despejo, no fundo do quintal, e só era autorizada a entrar na casa para os serviços de limpeza, sempre em companhia da patroa.

Esta dizia que, se Marlene gisesse, seria confundida com crianças contraventoras e apanharia da polícia.

Apanhar por apanhar, Marlene ficou com o alçó mais familiar. Não assistia à televisão e só viu a primeira cédula de real há um mês, nas mãos de sua irmã, em Igarassu subúrbio de Recife.

Seu rosto, seus braços e seu pescoço estão cobertos de cicatrizes irregulares, como se fossem marcas tribais de algum ritual de iniciação que não obedece a nenhum princípio de geometria.

Cada cicatriz traz sua pequena história. Uma delas foi a borda da frigideira. Uma outra foi gordura de uma panela.

Nas costas, uma vértebra foi deslocada pela surra que diz ter levado —obrigada a ficar de quatro no chão— com um martelo de cozinha para amaciar bife.

“Senti saudades de andar de bicicleta”, conclui Marlene, com um sorriso mais para o de uma criança que sofre.

Edição de Arte/Folha Imagem

O SORVETEIRO



Francisco é servente desempregado e vendedor de picolé

Para Francisco, o racismo não conta

Do enviado especial a Recife

Francisco dos Santos, 52, é negro, servente de pedreiro desempregado e vendedor de picolés na entrada do cemitério de Santo Amaro, em Recife.

Nunca estudou e acha que já passou da idade para se alfabetizar (“Cavalo velho não pega mais passada.”).

Mesmo assim, sim, formula com precisão as idéias sumárias que possui sobre a questão racial.

Não acredita que foi em razão da cor da pele que acabou marginalizado no mercado de trabalho. “É porque as coisas estão mesmo difíceis e acaba ficando de fora quem tem pouca leitura”, afirma.

Sua ex-mulher, de quem se separou há três anos, era mulata, e

se resolvesse casar novamente, ele diz com convicção que a cor da pele não estaria entre os critérios de escolha.

“Se ela for direitinha, tanto faz que seja morena ou não”, diz ele, usando a palavra morena como sinônimo de qualquer matiz que não seja o branco.

Como parceira sexual, no entanto, a morena é a seu ver bem melhor que a branca.

Também diz que, caso nascesse de novo e tivesse a possibilidade de opção, não gostaria de ser branco porque a negritude lhe cai muito bem. Além disso, “quem escolhe é Deus”.

Francisco é resignado. Ganha de R\$ 5,00 a R\$ 10,00 por dia, o que para ele “já está muito bom”: tem casa própria e não precisa pagar aluguel e, dos seis filhos, quatro já estão criados.

O MOTORISTA

Martins só gosta de “preto educado”

Do enviado especial a Recife

José Martins das Neves, 71, é branco e um dos motoristas de praça mais antigos de Recife. Está no ramo há 44 anos.

Diz não ter nenhum preconceito contra os negros. Mas a questão racial é no mínimo contraditória nas frases que se sucedem em seu descontraído e bem-humorado discurso.

Um exemplo: em meio às referências ao companheirismo entre seus colegas de ponto, no centro da cidade, afirma ser muito amigo de um deles, que é negro, porque se trata “no fundo de um preto branco”.

É uma maneira eufêmica de dizer que, por trás da aparência negativa da pele, há um conteúdo espiritual positivo.

Mais explicitamente, ele defi-

ne: “É preto branco porque é preto educado.”

Martins das Neves é viúvo e tem seis filhos. Um deles, Antônio, casou-se com uma “morena escura”, o que —diz ele com convicção e, portanto, sinceridade— não representou em momento algum um problema.

Das três netas que esse filho lhe deu, “duas são escurinhas como a mãe”, mas o motorista esboça um gesto indignado ao ser indagado se há nisso pretexto para um tratamento diferenciado.

Mas ele volta a usar a expressão “preto branco” ao falar de um vizinho e amigo de 16 anos.

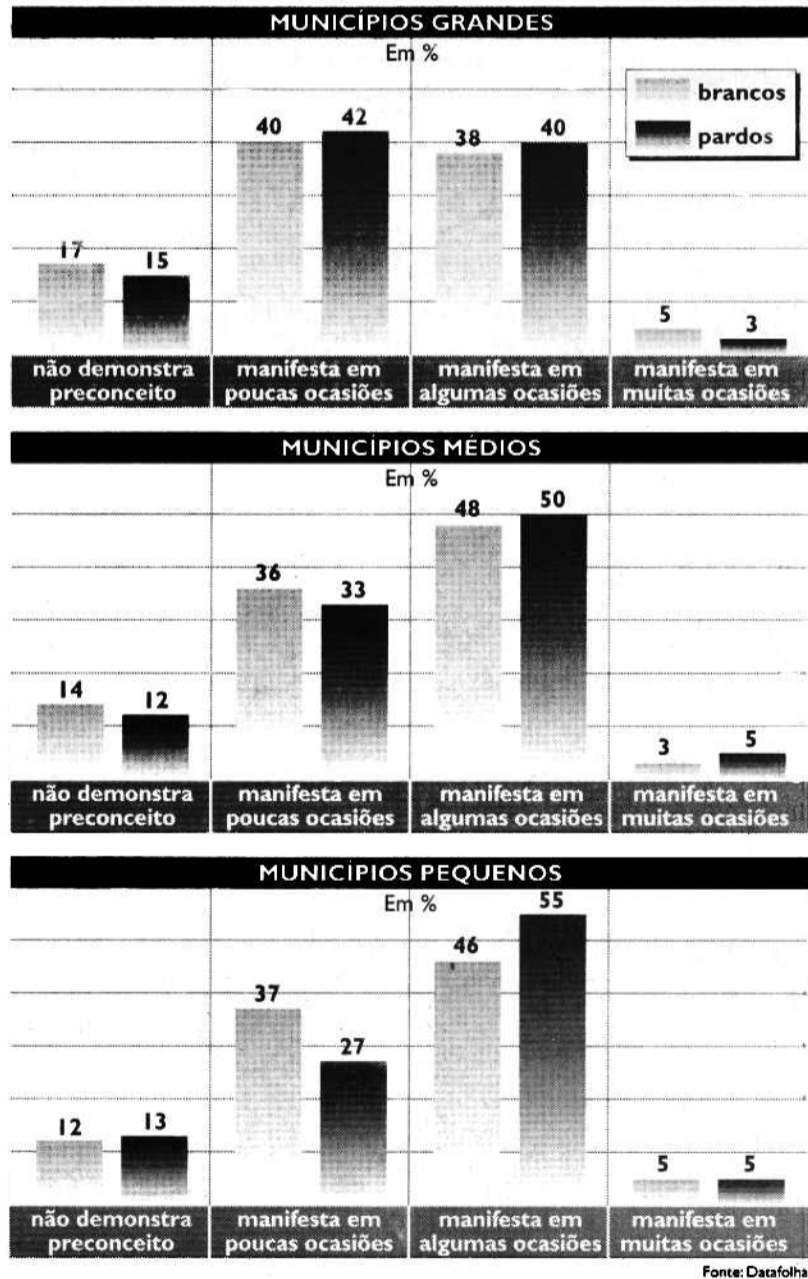
E solta em seguida uma frase definitiva e sem ambiguidades:

“Negro que eu gosto mesmo é só o São Benedito e o Pelé.”



José Martins das Neves é taxista em Recife desde 1951

PRECONCEITO SEGUNDO O MUNICÍPIO



Cidade menor também tem racismo

Do enviado especial a Recife

Uma das suposições correntes é que o preconceito racial é menor nas cidades pequenas, em razão da convivência mais próxima entre as pessoas.

Mas o Datafolha constatou que isso não é verdade. Moradores de municípios pequenos demonstram um sentimento racista em proporção quase idêntica à verificada em municípios médios e grandes.

Um exemplo: entre os entrevistados brancos, a mesma porcentagem (5%) demonstrou muito preconceito —em cidades grandes e pequenas— ao ser indagada se concordava ou não com certas afirmações abertamente racistas.

E ainda: nos municípios de diferente porte, varia em apenas três pontos percentuais a proporção dos negros que não manifestam nenhum sentimento racial, seja com relação a si próprios (ao acreditarem que são inferiores) seja em relação aos pardos e aos brancos.

Essa constatação apresenta, como exceção, o caso dos entrevistados brancos que não apresentam nenhum preconceito.

Nas cidades grandes (17%), eles são mais numerosos do que nas cidades médias (14%) e, nestas, também em número maior do que nas cidades pequenas (12%). Não são cifras que permitam, de qualquer modo, inferir variações abruptas de preconceito racial.